
Em que se pode reconhecer o estruturalismo semiótico de Gilles Deleuze: simbólico, virtual, casa vazia e acontecimento¹²

João Fabricio FLORES DA CUNHA³

Alexandre Rocha da SILVA⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este trabalho parte do artigo *Em que se pode reconhecer o estruturalismo*, texto seminal de Gilles Deleuze (2006b), para investigar as relações entre o pensamento de Deleuze e o movimento estruturalista. Para tanto, desenvolve alguns dos critérios formais de reconhecimento do estruturalismo, segundo Deleuze: simbólico, virtual, serial e casa vazia. Defendemos que há uma semiótica produzida a partir da filosofia de Deleuze que é resultado dos deslocamentos por ele operados no interior do pensamento estrutural, justamente por meio desses conceitos. Essa semiótica aceita como seu o desafio de enfocar o acontecimento em seus estudos, tomando o signo, disparador da comunicação, em sua dimensão acontecimental.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica; comunicação; Gilles Deleuze; estruturalismo; acontecimento.

Introdução

Este texto propõe-se a fazer uma investigação sobre as relações entre o pensamento de Gilles Deleuze e o movimento estruturalista. Nesse percurso, iremos explorar os conceitos de estrutura, simbólico, virtual, casa vazia e acontecimento, conforme o filósofo francês os concebia, para buscar evidenciar os deslocamentos feitos por ele no interior do estruturalismo. Partimos do artigo *Em que se pode reconhecer o estruturalismo*, texto seminal de Deleuze (2006b) presente na coletânea *A Ilha Deserta e outros textos*. Também nos influenciaram autores que comentam este texto e o pensamento do autor em outras obras suas. O artigo busca ainda estabelecer apontamentos

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

³ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRGS, e-mail: jfloresdacunha@gmail.com.

⁴ Pesquisador do CNPq (bolsista produtividade, bolsista pós-doutorado sênior). Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRGS, pós-doutorando no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP (COS), email: arstrocha@gmail.com.

para a constituição de um problema semiótico que seja pertinente ao pensamento deleuzeano.

O estruturalismo de Deleuze foi definido por Alessandro Sales (2006, p. 219) como “estruturalismo muito particular”, por James Williams (2012, p. 95) como “estruturalismo radical”, e por David Lapoujade (2006, documento eletrônico não paginado) como “estruturalismo dissidente”. Para Eduardo Viveiros de Castro (2015, p. 108), o pensamento desse filósofo “pode ser visto como um projeto de desterritorialização do estruturalismo”, e *Diferença e repetição* (2006a) e *Lógica do Sentido* (2011), talvez as principais obras de Deleuze, a um só tempo “elaboram a expressão filosófica mais acabada do estruturalismo [e] submetem-no a um violento tensionamento teórico que se aproxima da ruptura” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 108).

A polifonia dessas formulações evidencia que, efetivamente, existem muitos estruturalismos. Como preconizava Eduardo Prado Coelho, “não existe um estruturalismo ideal, porque o estruturalismo, se na verdade existe, apenas está nas suas manifestações” (COELHO, 1968, p. VI). Não buscamos, portanto, estabelecer aproximações e distanciamentos entre Deleuze e um suposto estruturalismo paradigmático ou ideal. Interessa-nos refletir sobre como ele compreendia o movimento estruturalista e como o manifestava em seu próprio sistema de pensamento. Para além da estrutura, buscaremos articular essas discussões a partir dos conceitos de serial, grau zero, casa vazia, simbólico e topológico.

Como registra Prado Coelho (1968, p. X), “o estruturalismo não é propriamente uma filosofia. Ou melhor: contém implícitas várias filosofias, que inevitavelmente se explicitam, por vezes de um modo contraditório, neste ou naquele autor”. Levamos em conta, ainda, a formulação clássica de Jacques Derrida segundo a qual “afigura-se evidente que uma crítica ao estruturalismo só é possível no interior do próprio estruturalismo (*apud* COELHO, 1968, p. VII). Ou seja, Deleuze (2006b), ao compor seu texto sobre *Em que se pode reconhecer o estruturalismo*, o faz de dentro do pensamento estrutural, do qual ele retira elementos para formar sua própria filosofia.

Deleuze e o estruturalismo

Eduardo Prado Coelho discute a evolução do conceito de estrutura e chega à formulação de Claude Lévi-Strauss, para quem “a estrutura nunca existe na realidade concreta, mas é ela que define o sistema de relações e transformações possíveis dessa

realidade” (COELHO, 1968, p. XXV). O autor estabelece uma diferenciação entre duas compreensões diferentes de estrutura, que, em francês, são referidas com termos distintos: *structurel* e *structural*.

O pensamento de Deleuze está mais próximo da segunda acepção de estrutura, a que é descrita com a palavra *structural*. Segundo Prado Coelho (1968, p. XXVI, grifos do autor), “nesta segunda acepção, a palavra *estrutura* designa não a realidade concreta, mas a lei ou conjunto de leis que delimitam e determinam as modificações possíveis dos elementos do sistema. Neste caso, a estrutura é um sistema de relações, é a *sintaxe das transformações possíveis*”.

Ao dissertar sobre as características do movimento estrutural, Prado Coelho (1968, p. XXXII) defende que “o estruturalismo é um antiempirismo”, afirmando que “a estrutura, embora sendo um nível da realidade, não é acessível a um conhecimento imediato e direto dessa realidade e é ela própria que suscita tal inacessibilidade” (COELHO, 1968, p. XXXII). De fato, na visão de Deleuze, “o estruturalismo não está primordialmente interessado em como um dado conjunto de relações funciona [...] está interessado no que está em jogo quando um conjunto de relações se distingue de outro” (WILLIAMS, 2012, p. 90).

James Williams (2012, p. 88), ao comentar o texto *Em que se pode reconhecer o estruturalismo*, afirma sobre Deleuze que “a busca dos critérios para o reconhecimento do estruturalismo é um exemplo de seu método, já que os critérios não são descrições objetivas ou os resultados de uma pesquisa empírica”. O foco está, na realidade, nas “condições necessárias para a significância de uma filosofia que se concentra na estrutura” (WILLIAMS, 2012, p. 88).

O texto mostra como a obra de Deleuze “se articula com o estruturalismo, mas também como o modifica e o radicaliza”, nas palavras de Williams (2012, p. 83). O filósofo francês “reflete [neste texto] sobre o que o estruturalismo pode se tornar e o quanto radical pode ser”, diz Williams (2012, p. 83), que registra ainda que o autor deixa clara sua atitude a um só tempo crítica e positiva em relação ao estruturalismo.

O projeto filosófico de Deleuze, em linhas gerais, privilegia a diferença através do eterno retorno de um não-idêntico, do que, ao voltar, retorna não como o mesmo, mas como um diferente – o que se opõe frontalmente a uma imagem do pensamento associada à identidade, à reconhecimento e à representação, a qual ele visa combater. Nesse texto, Deleuze efetiva essas ideias à luz do estruturalismo, buscando diferenciá-lo.

Deleuze (2011, p. 73) identifica como – talvez o único – ponto em comum entre os autores estruturalistas a ideia do “sentido, não como aparência, mas como efeito de superfície e de posição, produzido pela circulação da casa vazia nas séries da estrutura”. Ele dá primazia aos efeitos na produção de sentido. Para ele (2011, p. 73, grifo do autor), “o sentido é sempre um efeito”, e uma estrutura pode ser observada apenas a partir dos efeitos por ela gerados. Em sua visão, “as estruturas são inconscientes, sendo necessariamente recobertas por seus produtos ou efeitos. [...] Não podemos ler, encontrar, reencontrar as estruturas senão a partir desses efeitos” (DELEUZE, 2006b, p. 233-234, grifo do autor).

Os efeitos revelam também a diferenciação que se dá no interior da estrutura, que “é, em si mesma, um sistema de elementos e de relações diferenciais; mas ela também diferencia as espécies e as partes, os seres e as funções nos quais ela se atualiza. Ela é diferencial em si mesma e diferenciadora em seu efeito” (DELEUZE, 2006b, p. 233). A ênfase dada pelo autor à ideia de diferenciação mostra a importância das variações nas relações. A produção de sentido se dá a partir de relações que estão a todo tempo variando e de elementos que estão se movendo espacialmente.

Deleuze traz o estruturalismo para dentro de seu pensamento ao fazer o conceito de estrutura – central para o movimento – operar em favor da diferença, noção chave de sua filosofia. Para ele, a estrutura não é modelo para uma cópia: “a estrutura é definida como uma condição necessária para a transformação [...] não é um modelo teórico de uma coisa estruturada. É a razão para a transformação e evolução da coisa” (WILLIAMS, 2012, p. 84). Ao afirmar que “toda estrutura é uma multiplicidade de coexistência virtual”, Deleuze (2006b, p. 231) coloca a estrutura no centro de seu pensamento do múltiplo. Dessa forma, subverte e esvazia um estruturalismo de modelos, de caráter esquemático, descritivo ou puramente operacional, fazendo, de dentro do estruturalismo, uma crítica a ele – como queria Derrida.

Roberto Machado (2009, p. 32) vê em *Em que se pode reconhecer o estruturalismo* um exemplo “impressionante” do que chama de “teatro filosófico”, operação empreendida por Deleuze em suas leituras de outros filósofos em que o pensamento destes sofre torções e, por meio de colagens, é agenciado para fazer intercessão com Deleuze. Para Machado, Deleuze “descobre” em

Jakobson, Lévi-Strauss, Lacan, Foucault, Althusser, Barthes’, Sollers [...], autores conectados sob a rubrica “estruturalismo” ressonâncias de seu próprio

modo de pensar ou, até mais precisamente, dos termos através dos quais apresentava os conceitos de sua filosofia na época em que escrevia *Diferença e repetição* e *Lógica do sentido*. (MACHADO, 2009, p. 32-33)

Deleuze (2006b) alega efetivamente, neste texto, estar retirando dos autores estruturalistas critérios formais de reconhecimento do estruturalismo. Porém, como Williams (2012, p. 86) observa, o que ele de fato oferece são “critérios para a criação de uma linha de pensamento consistente com o estruturalismo”. Essa linha de pensamento que Deleuze estabelece é a de sua própria filosofia em diálogo com as ideias estruturalistas.

O simbólico

Esse movimento de Deleuze pode ser verificado, por exemplo, em sua apresentação da tríade lacaniana do real, imaginário e simbólico. Deleuze aborda a dualidade entre real e imaginário apenas para denunciá-la, e afirma que “o primeiro critério do estruturalismo é a descoberta e o reconhecimento de uma terceira ordem, de um terceiro reino: o do simbólico” (DELEUZE, 2006b, p. 222), que não se reduz nem ao real nem ao imaginário, e é mais profundo do que ambos.

A inserção do simbólico representa a inserção de um terceiro, sem o qual a estrutura não funcionaria; ela opera em uma lógica triádica, para Deleuze: "existe sempre um terceiro a ser procurado no próprio simbólico; a estrutura é, ao menos, triádica, sem o que ela não 'circularia'" (DELEUZE, 2006b, p. 224). O simbólico, assim, configura-se como fundamental para Deleuze. Deleuze (2006b, p. 224) afirma mesmo que “o simbólico deve ser entendido como a produção do objeto teórico e específico”.

Jacques Lacan, influenciado pela linguística de Saussure e pela antropologia de Lévi-Strauss, foi o responsável por esse movimento teórico de inserção do simbólico, no contexto de sua releitura da psicanálise freudiana. Para ele, o simbólico é constitutivo do sujeito, antes do que constituído por ele. Trata-se de um saber da ordem do inconsciente – que, de acordo com ele, estrutura-se como uma linguagem.

Lacan encontrou no nó borromeano a estrutura para dar conta da interdependência e inseparabilidade desses três elementos. Simbólico, real e imaginário aparecem nessa imagem como três círculos superpostos, em que há áreas de contato entre cada um deles, bem como entre os três. Se há o corte de um desses elementos, é impossível que os outros dois permaneçam juntos: os três são inseparáveis (CESAROTTO; LEITE, 1984).

A introdução desse terceiro elemento esvazia a oposição platônica entre real e imaginário, ainda latente no pensamento contemporâneo. Também permite uma inflexão importante na concepção de estrutura, que passa a ser vista como um virtual, um campo de possibilidades que se atualiza nas realidades e nas imagens. O simbólico é um elemento diferencial que faz com que a estrutura não se reduza a uma produção de sentido fixa ou imóvel, como acusam determinadas críticas do estruturalismo. Assim,

Em Lacan, e também em outros estruturalistas, o simbólico como elemento da estrutura está no princípio de uma gênese: a estrutura se encarna nas realidades e nas imagens segundo séries determináveis; mais ainda, ela as constitui encarnando-se, mas não deriva delas, sendo mais profunda que elas, subsolo para todos os solos do real como para todos os céus da imaginação. (DELEUZE, 2006b, p. 223)

Como esclarece Williams (2012, p. 89), “a estrutura concerne ao simbólico, sendo o simbólico uma posição ou localidade”. Trata-se, aqui, de relações, “mas essas relações não se dão entre coisas e ideias, mas entre diferentes séries de outras relações” (WILLIAMS, 2012, p. 90). Daí a importância do espaço, uma vez que “as relações podem ser pensadas como construindo um novo espaço próprio, independente de ideais ou referentes correlatos” (WILLIAMS, 2012, p. 90). O essencial não são as relações em si, mas a estrutura formada a partir dessas relações, e a diferença que surge entre uma dada estrutura que é formada a partir de determinadas relações e outra, constituída em outras relações.

Nesse sentido, a estrutura “tem a ver com o simbólico como um processo em que o símbolo implica um rearranjo de relações em estruturas” (WILLIAMS, 2012, p. 90). O sentido emerge de uma combinação de elementos, em um jogo em que o ponto central são não os elementos, mas as novas combinações que se dão a partir de mudanças na estrutura. Isso ocorre a partir do terceiro fator inscrito por Lacan e pelo estruturalismo na equação real-imaginário: o simbólico. Nessa concepção, os elementos não significam de forma independente, mas a partir das relações que mantêm entre si no interior da estrutura.

No simbólico, circulam singularidades que não dizem respeito a um indivíduo ou uma identidade. É nessas singularidades que há mudança nas relações – é nas singularidades que se produz diferença. Assim, “estrutura, no estruturalismo radical, é sempre uma questão de puras diferenças, ou seja, variações entre relações que, elas próprias, são apenas e sempre relações variáveis” (WILLIAMS, 2012, p. 95).

A estrutura como virtual

Deleuze (2006b, p. 231, grifo do autor) se vale de uma fórmula retirada de Proust para definir a estrutura como “*real sem ser atual, ideal sem ser abstrata*”, naquela que é a frase mais emblemática do texto com que estamos trabalhando. A estrutura não é, portanto, atual; ela produz o atual. “O que é atual é aquilo em que a estrutura se encarna, ou antes, aquilo que ela constitui encarnando-se”, diz Deleuze (2006b, p. 230-231). Assim, “o atual é incompleto quando visto como independente das seleções estruturais requeridas por uma dada estrutura a ser relacionada com um dado grupo de espécies e partes” (WILLIAMS, 2012, p. 96). Ou seja, o que aparece como atualizado e as relações produzidas a partir disso, bem como suas variações, não podem ser compreendidos se a estrutura não for levada em conta. Assim, “a estrutura se define [...] pela natureza de certos elementos atômicos que pretendem dar conta ao mesmo tempo da formação dos todos e da variação de suas partes” (DELEUZE, 2006b, p. 224).

Nesse sentido, “a estrutura existe e opera por processos de diferenciação, criando sempre novos atuais que podem se expressar tanto como possíveis quanto como reais” (SILVA; ARAUJO; MELLO; CONTER, 2013, p. 4). Entramos no percurso de constituição do que seria um problema semiótico, de acordo com o pensamento deleuzeano. Para ele, “só há estrutura daquilo que é linguagem, [...] mesmo não-verbal” (DELEUZE, 2006b, p. 221). Aqui se afigura uma relação clara com a semiótica e o alvo de suas investigações, a saber, as linguagens, aí incluídas as não-verbais.

Ideal sem ser abstrata, a estrutura “deve ser depois determinada pelas formas atuais que a expressam. Ou seja, ela deve ser expressa em formas identificáveis atuais” (WILLIAMS, 2012, p. 96). Isso é a atualização, no pensamento de Deleuze, e o que se atualiza é “repartição de singularidades” (DELEUZE, 2006b, p. 231). Ainda, as “formas identificáveis atuais” são o que Deleuze denominaria posteriormente, em seu trabalho conjunto com Félix Guattari (DELEUZE; GUATTARI, 2011), como agenciamentos concretos – coletivo de enunciação e social de desejo.

A estrutura não é um atual, mas um virtual que o produz, sem confundir-se com ele. O virtual, ideia inspirada na filosofia de Henri Bergson, é o que permite a Deleuze realizar esse deslocamento fundamental, o da estrutura pensada como virtualidade. O *virtual* não é um não-existente ou elemento transcendente: ele tem uma realidade enquanto virtual. Trata-se de uma espécie de conjunto diferencial de transformações em

potencial, da reserva de possibilidades por se fazer a partir de novos jogos estruturais que o atualizem. O virtual é condição de experiência.

O conceito de virtual envolve possibilidades a serem atualizadas: potências de diferenciação que são atualizações do virtual. Por exemplo, pensar uma linguagem enquanto estrutura a partir dessas ideias implica que essa linguagem irá passar por modificações, diferenciações dela nela mesma – potencialidades essas que já estavam contidas na linguagem, em virtualidade.

Assim, não se trata de uma oposição entre virtual e real, mas entre virtual e atual: “*O virtual possui uma plena realidade como virtual*” (DELEUZE, 2006a, p. 294, grifo do autor). Ele tem uma realidade enquanto estrutura: “A estrutura é a realidade do virtual” (DELEUZE, 2006a, p. 294).

A estrutura pensada como virtual é crucial para compreender o que Deleuze pensou a partir do estruturalismo e suas implicações para o campo da semiótica: “o deslocamento proposto por Deleuze em relação ao estruturalismo está na ideia de que a estrutura é mais que um possível cujas regras caberiam ao semiólogo descrever, ela é um virtual que atualiza tanto as regras estruturais do possível quanto os signos que se manifestam como textos” (SILVA; ARAUJO, 2015, p. 136). Se estamos tratando de possibilidades em virtualidade, não necessariamente realizadas ainda, não há o que descrever. Nesse sentido, a semiótica na visão de Deleuze não pode ser uma semiótica de caráter meramente descritivo. De qualquer forma, uma vez aceito o seu conceito de estrutura, não haveria possibilidade de descrição de algo estanque: as regras se alterariam constantemente, à revelia do semiólogo.

O virtual tem uma realidade, e se atualiza por meio de processos intensivos que – defendemos – são objeto da semiótica. Cabe a ela, nessa concepção, o estudo das passagens entre virtual e atual, dos processos em que o virtual da estrutura se atualiza em agenciamentos concretos.

Outro deslocamento importante no estruturalismo é a introdução das séries. Deleuze (1991, p. 31) acusa a insuficiência do método estrutural, propondo em seu lugar um método serial. Ele dirá que “os signos permanecem desprovidos de sentido” (2011, p. 107) enquanto não forem dispostos em séries que estejam em relação entre si. A reorganização dos elementos em um espaço serial permite dar a ver novos sentidos cuja produção não existiria se eles fossem analisados isoladamente. Trata-se de uma nova organização dos elementos que redistribui as singularidades no interior das séries.

Para Deleuze (2011, p. 53), uma estrutura só se constitui a partir da formação de uma multiplicidade de séries. O apontamento do caráter serial como necessário à estrutura torna o critério *serial* um dos que ele aponta como essenciais ao estruturalismo. Assim, “toda estrutura é serial, multisserial, e não funcionaria sem esta condição” (DELEUZE, 2006b, p. 235). Uma estrutura comporta um mínimo de duas séries, que devem ser colocadas em relação:

A determinação de uma estrutura não se faz somente por uma escolha dos elementos simbólicos de base e das relações diferenciais em que eles entram; também não se faz somente por uma repartição dos pontos singulares que lhes correspondem; mas ainda pela constituição de uma segunda série, ao menos, que mantém relações complexas com a primeira. E se a estrutura define um campo problemático, um campo de problemas, é no sentido em que a natureza do problema revela sua objetividade própria nesta constituição serial (DELEUZE, 2006b, p. 236)

A disposição em séries permite que elementos diacrônicos sejam reordenados e analisados de forma sincrônica. Há simultaneidade nas séries: elas “são estritamente simultâneas com relação à instância em que comunicam”. Essa instância a que se refere Deleuze (2011, p. 44) é a casa vazia, conceito que agora passamos a discutir.

A casa vazia do estruturalismo

Outro critério apontado no texto como de reconhecimento do estruturalismo é o *local* ou de *posição*. Deleuze desloca sua atenção para o problema do *sentido* e do *espaço* estruturais, os quais estão relacionados:

Os elementos de uma estrutura não têm nem designação extrínseca nem significação intrínseca. O que resta? Como lembra com rigor Lévi-Strauss, eles têm tão-somente um *sentido*: um sentido que é necessária e unicamente de “posição”. Não se trata de um local numa extensão real, nem de lugares em extensões imaginárias, mas de locais e de lugares num espaço propriamente estrutural, isto é, topológico. (DELEUZE, 2006b, p. 225, grifo do autor)

Se os elementos não têm designação extrínseca ou significação intrínseca, isso quer dizer que eles não podem ser pensados apenas em si mesmos, pois não significam por si só – é uma ideia antiessencialista característica do estruturalismo. O sentido não pode ser pensado fora de uma posição e de suas relações, posto que depende delas, é determinado por elas. O sentido advém da posição.

Sendo assim, o sentido é “efeito ou resultado [...] de um espaço estrutural, topológico” (MACHADO, 2009, p. 33). O termo *topológico* se refere aqui um modelo de

representação em que o interior e o exterior de um objeto – uma estrutura – se confundem, tornando-se indiscerníveis. Essa ideia pode ser exemplificada com a imagem do Anel de Möbius: uma superfície com apenas um lado e uma borda, não tendo orientação. Logo, “se o lado de dentro se constitui pela dobra do de fora, há entre eles uma relação topológica” (DELEUZE, 1991, p. 127). A topologia foi usada por Lacan na construção de sua teoria psicanalítica.

Assim, “a ambição científica do estruturalismo” é “topológica e relacional” (DELEUZE, 2006b, p. 225). Essas articulações configuraram à época uma alteração radical no pensamento das ciências humanas: agora, o que determinaria o sentido de um elemento seria a sua posição no interior de uma estrutura em relação aos demais elementos. Deleuze (2006b), de forma ainda mais radical, pensa a estrutura como multiplicidade, que “não é axiomática nem tipológica, é topológica” (DELEUZE, 1991, p. 25).

É a partir do espaço, pensado como estrutural e topológico, que Deleuze (2006b) faz a passagem para o conceito central, o de um lugar vazio, o da *casa vazia*. Ele afirma que a investigação feita a partir da questão sobre em que se pode reconhecer o estruturalismo acaba por conduzir a uma posição de algo que não é reconhecível ou identificável.

Aqui chegamos ao grau zero, à casa vazia, ao espaço do simbólico, preenchível por singularidades, que têm caráter “essencialmente pré-individual, não-pessoal, aconceitual” (DELEUZE, 2011, p. 55). Para Deleuze (2006b, p. 240), “não há estruturalismo sem este grau zero”. Aqui, no grau zero, está o ponto central e o foco da constituição de um problema semiótico. Essa ideia atende à necessidade de um espaço vazio no interior da estrutura, o qual permite que ocorram as variações, as atualizações do virtual. É a casa vazia que permite a circulação do sentido dentro da estrutura. Ela não se reduz nem aos elementos no interior das séries nem às relações entre eles.

A necessidade do espaço vazio em um jogo estrutural pode ser exemplificada, para dar concretude a essas formulações, se pensarmos em um jogo de xadrez ou damas, em que a movimentação das peças só é possível por conta dos espaços vazios dispersos pelo tabuleiro. Em um hipotético tabuleiro em que as casas estejam todas preenchidas por peças, a movimentação fica interdita, e não há jogo possível.

O espaço vazio não permanece assim. A casa vazia não se presta, porém, a ser *preenchida*; trata-se do “único lugar que não pode nem deve ser preenchido, nem mesmo

por um elemento simbólico. Ela deve guardar a perfeição de seu vazio para deslocar-se com relação a si mesma, e para circular através dos elementos e das variedades de relações” (DELEUZE, 2006b, p. 244). O sentido dos elementos varia conforme a sua movimentação e circulação em relação à casa vazia – a qual também se desloca de forma constante, sendo responsável por essa variação.

A casa vazia é o conceito usado por Deleuze para garantir uma lógica estrutural em seu pensamento. Para ele, “não há estrutura sem casa vazia, que faz tudo funcionar” (DELEUZE, 2011, p. 54). O espaço vazio em uma estrutura permite a sua atualização e sua variação; permite o movimento interno da estrutura, em um jogo estrutural de atualização do virtual que dá a ver a diferença. Isso evidencia ainda o caráter imanente da estrutura: sua diferenciação não decorre de algo exterior, transcendente, mas de sua casa vazia.

A casa vazia também permite a Deleuze oferecer uma solução para a questão do sujeito, que o estruturalismo é acusado de ter feito desaparecer. Ele estabelece que “o verdadeiro sujeito é a própria estrutura” (DELEUZE, 2006b, p. 230). Além disso, em sua visão, “o *sujeito* é precisamente a instância que segue o lugar vazio: como diz Lacan, ele é menos sujeito que assujeitado – assujeitado à casa vazia” (DELEUZE, 2006b, p. 244, grifo do autor). Em Deleuze, a concepção de singularidades pré-individuais esvazia a ideia de sujeito. Para ele,

O estruturalismo não é absolutamente um pensamento que suprime o sujeito, mas um pensamento que o esmigalha e o distribui sistematicamente, que contesta a identidade do sujeito, que o dissipa e o faz passar de um lugar a outro, sujeito sempre nômade, feito de individuações, mas impessoais, ou de singularidades, mas pré-individuais. (DELEUZE, 2006b, p. 244)

“Fazer circular a casa vazia e fazer falar as singularidades pré-individuais e não pessoais, em suma, produzir o sentido, é a tarefa de hoje”, para Deleuze (2011, p. 76). Na nossa visão, essa tarefa, delineada pelo filósofo francês (1969/2011) em *Lógica do sentido*, permanece atual.

A casa vazia se desloca permanentemente no interior da estrutura, em um jogo que é sobretudo de posição: “os lugares prevalecem sobre aquilo que os preenche” (DELEUZE, 2006b, p. 226). Afinal, “o *sentido resulta sempre da combinação de elementos que não são eles próprios significantes*” (DELEUZE, 2006b, p. 226, grifo do autor).

A casa vazia permite a constituição de um tipo de pensamento que é decididamente antifundacional. Deleuze se refere ao trabalho de Foucault (2016, p. 473) em *As palavras e as coisas*, em que se constata que a categoria do homem foi esvaziada de sentido: “não se pode mais pensar senão no vazio do homem desaparecido. Pois esse vazio não escava uma carência; não prescreve uma lacuna a ser preenchida. Não é mais nem menos que o desdobrar de um espaço onde, enfim, é de novo possível pensar”. O homem não desapareceu para dar lugar a outro elemento que exerceria função semelhante; desapareceu para deixar um espaço vazio, que inaugura uma outra forma de pensamento. Referindo-se ao estruturalismo, Prado Coelho afirma que

é a ausência de fundamento que constitui o verdadeiro fundamento, e é portanto uma experiência do vazio, da voragem, da exterioridade total que nos surge agora. O que o homem subitamente descobre é a impossibilidade de pensar a origem, porque todo o começo já está começado, toda a linguagem já está falada, todo o pensamento já está pensado (COELHO, 1968, p. LXV, grifo do autor)

Na trilha de Deleuze, um problema semiótico só pode ser colocado a partir desses postulados, que envolvem a derrubada das fundações e a proposição de um espaço vazio onde começa o pensamento. Situado desde esse vazio, o pensamento abre-se aos choques com a exterioridade, ao encontro violento com a exterioridade por meio dos signos.

Deleuze e o acontecimento

Deleuze (2006b, p. 245) fala em acontecimentos que acometem a estrutura, que “afetam simbolicamente sua casa vazia ou seu sujeito”. Deleuze utiliza o conceito de acontecimento para estabelecer uma crítica ao pensamento estrutural clássico. Para ele, o sentido é produzido entre a estrutura e o acontecimento; é aquilo que expressa um acontecimento, e não se reduz às dimensões da proposição (designação, manifestação e significação) (DELEUZE, 2011).

Defendemos que há uma semiótica produzida a partir da filosofia de Deleuze que é resultado dos deslocamentos por ele operados no interior do pensamento estrutural, os quais expusemos ao longo deste texto. Essa semiótica aceita como seu o desafio de enfocar o acontecimento em seus estudos, tomando o signo, disparador da comunicação, em sua dimensão acontecimental.

Deleuze (2011, p. 73-74) reputa ao estruturalismo a sua própria tese de que todo sentido provém do não-sentido: “o estruturalismo, conscientemente ou não, celebra novos

achados de inspiração estóica ou carroliana. A estrutura é verdadeiramente uma máquina de produção de sentido incorporal”. Se o sentido advém de uma combinação de elementos que não são em si significantes, o desafio semiótico consiste no estudo das máquinas produtoras de sentido a que se refere Deleuze. Essas instâncias são compreendidas semioticamente como agenciamentos coletivos de enunciação e maquinicos de desejo, e os regimes de signos decorrem desses agenciamentos (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

Considerando que “o possível não preexiste, ele é criado pelo acontecimento” (DELEUZE; GUATTARI, 2016, p. 246), essas formulações devem ser articuladas semioticamente a partir da instância do acontecimento, considerado como variação. Assim, o estudo das passagens entre o virtual e o atual a que nos referimos anteriormente tem o acontecimento como foco necessariamente. Trata-se “não mais [de] estados de coisas ou misturas no fundo dos corpos, mas acontecimentos incorporais na superfície, que resultam destas misturas” (DELEUZE, 2011, p. 7).

Este é o espaço de constituição de um problema semiótico. Deve-se considerar ainda que “um problema [...] não é determinado senão pelos pontos singulares que exprimem suas condições” (DELEUZE, 2011, p. 57). Um problema semiótico deve levar em consideração ainda a relação existente entre acontecimento e problema: “o modo do acontecimento é o problemático [...] os acontecimentos concernem exclusivamente aos problemas e definem suas condições” (DELEUZE, 2011, p. 57). O problema não existe fora das proposições que o exprimem, e insiste nas proposições, confundindo-se com o extra-ser que caracteriza o sentido (DELEUZE, 2011, p. 127).

Considerações finais

Nos propusemos a identificar neste artigo os deslocamentos operados por Deleuze no interior do estruturalismo a partir da discussão de alguns elementos centrais – estrutura, serial, grau zero, casa vazia, simbólico, topológico – por ele discutidos no texto *Em que se pode reconhecer o estruturalismo*. O estruturalismo foi tomado aqui, a partir de Machado (2009), como mais um personagem do teatro filosófico de Deleuze, em que o autor se vale do pensamento de terceiros para reafirmar os seus próprios conceitos.

Buscamos, por um lado, mostrar como o estruturalismo é central para o pensamento de Deleuze, e, por outro, estabelecer alguns apontamentos para, a partir desse pensamento, constituir um problema semiótico. Para concluir, cabe apontar que a

configuração de um problema semiótico a partir de Deleuze se torna premente a partir de sua postura filosófica antirrepresentacional. O seu estruturalismo está marcado por essa posição. No texto sobre o estruturalismo – mas também em outros trechos de sua obra, de forma mais geral –, Deleuze leva o conceito de estrutura para o centro de seu projeto filosófico de valorização da diferença em detrimento do pensamento da representação, que subordina a diferença à identidade.

Rompe-se a identidade, e inexistente crença no Uno ou no universal: “Não existem universais, mas apenas singularidades. Um conceito não é um universal, mas um conjunto de singularidades em que cada uma se prolonga até a vizinhança de uma outra” (DELEUZE, 2010, p. 187). A estrutura não funciona, portanto, como universal, mas como esse conjunto de singularidades.

É por meio do conceito de singularidade que Deleuze garante o caráter virtual da estrutura – e as singularidades, por sua vez, operam a partir da casa vazia: “É sempre em função da casa vazia que as relações diferenciais são susceptíveis de novos valores ou de variações, e que as singularidades são capazes de atribuições novas, constitutivas de outras estruturas” (DELEUZE, 2006b, p. 246). As singularidades, relacionadas ao mundo do simbólico, “correspondem com os elementos simbólicos e suas relações, mas não se assemelham a eles [...] elas ‘simbolizam’ com eles. Derivam deles, pois toda determinação de relações diferenciais acarreta uma repartição de pontos singulares” (DELEUZE, 2006b, p. 229).

Segundo Williams, “Deleuze define o estruturalismo radical [...] como uma prática criativa que está sempre voltada à mutação de situações atuais em sua relação com estruturas ideais” (2012, p. 106). Deleuze traz o estruturalismo para o interior de seu pensamento, e chega a sugerir a existência de uma metaestruturalidade em seu texto. Para ele, “se é verdade que a crítica estrutural tem por objeto determinar na linguagem as ‘virtualidades’ que preexistem à obra, a obra é em si mesma estrutural quando se propõe exprimir suas próprias virtualidades” (DELEUZE, 2006b, p. 240).

REFERÊNCIAS

CESAROTTO; Oscar; LEITE, Márcio Peter de Souza. **O que é psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

-
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006a.
- DELEUZE, Gilles. **Em que se pode reconhecer o estruturalismo**. In: A Ilha Deserta e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006b, p. 221-247.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações** (1972-1990). Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2010 (2ª edição).
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011 (2ª edição).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Maio de 68 não ocorreu**. In: DELEUZE, Gilles. Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995), 2016, p. 245-248.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- LAPOUJADE, David. **As ilhas desertas de Deleuze**. 2006. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2434,1.shl><http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/2434,1.shl> (acesso em 14/05/2020).
- MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- PRADO COELHO, Eduardo. **Estruturalismo: antologia de textos teóricos**. Lisboa: Portugália editora, 1968.
- SALES, Alessandro Carvalho. **Deleuze e a Lógica do sentido: o problema da estrutura**. Trans/Form/Ação, v. 29, p. 219-239, 2006.
- SILVA, A. R.; ARAUJO, A. C. S.; MELLO, J. G.; CONTER, M. B. **Deleuze e a Semiótica Crítica**. Semeiosis: semiótica e transdisciplinaridade em revista, v. 5, p. 2-15, 2013.
- SILVA, ALEXANDRE ROCHA; ARAUJO, ANDRÉ CORRÊA DA SILVA DE . **Semiótica Crítica: materialidades, acontecimento e micropolíticas**. In Texto (UFRGS. Online), v. 1, p. 132-145, 2015.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.